





COMO
Fernando Pessoa

PODE MUDAR A SUA VIDA
PRIMEIRAS LIÇÕES



CARLOS PITTELLA
JERÓNIMO PIZARRO

COORDENADOR DA COLECÇÃO
JERÓNIMO PIZARRO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVII

ÍNDICE

Apresentação • 13	... escrever poemas persas • 105
Ortografia e convenções	... escrever poesia popular • 108
de transcrição • 15	... fabricar uma bomba • 111
	... fazer caricaturas • 116
Como	... fazer cartões-de-visita • 119
... antologizar • 19	... fazer musculação • 122
... argumentar contra Hitler • 28	... fazer um mapa para
... calcular a própria	encontrar Ofélia • 128
concepção • 30	... filiar-se num <i>crime club</i> • 130
... cantar a mulher do mago • 34	... ganhar um concurso em
... cantar o corpo masculino • 40	segundo lugar • 135
... coadjuvar um falso	... homenagear Goethe • 138
suicídio • 46	... interpretar narizes • 142
... coleccionar provérbios • 53	... intitular um livro • 147
... conhecer celebridades • 64	... jogar ao Risco • 152
... desenhar • 68	... louvar Gandhi • 157
... des-estranhar a	... mentir sinceramente • 161
Coca-Cola • 72	... não peregrinar a Fátima • 163
... desrespeitar o acordo	... não se deixar intimidar • 170
ortográfico • 76	... organizar o que não tem
... diversificar uma	organização • 175
biblioteca • 81	... precisar de anti-errata • 181
... elaborar charadas • 83	... profetizar a própria
... misturar idiomas • 87	fama • 184
... escrever em estado	... publicitar carros
alcoólico • 94	brilhantes • 187

© Carlos Pittella e Jerónimo Pizarro, 2017

Todos os direitos desta edição reservados à
Tinta-da-china

Rua Francisco Ferrer, n.º 6-A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida – Primeiras Lições*

Autores: Carlos Pittella e Jerónimo Pizarro
Coordenador da colecção: Jerónimo Pizarro

Revisão: Tinta-da-china
Capa e projecto gráfico: Tinta-da-china

1.ª edição: Fevereiro de 2017

ISBN 978-989-671-358-4
DEPÓSITO LEGAL n.º 420461/17

... reinventar o futebol • 193	... insultar • 258
... responder à psiquiatria • 198	... não caber no Mosteiro dos Jerónimos [<i>lição</i> <i>póstuma</i>] • 262
... retransitar os verbos • 203	
... saber Shakespeare • 205	
... ser livre • 212	
... ser o menos que ali houve • 217	Notas finais e créditos das imagens • 267
... ser um pássaro • 223	
... ser um poeta trilingue • 228	Bibliografia • 285
... sonhar dicionários • 235	Notas biográficas • 295
... ter todos os projectos • 244	
... traduzir do grego sem falar grego • 252	

*À mestra Cleonice Berardinelli,
há cem anos mudando a vida das pessoas*

~~XXXXXXXX~~ Assim como levamos o corpo,
deveríamos levar o destino, mudar de vida como
mudamos de roupa

Fernando Pessoa
Livro do Desassossego

APRESENTAÇÃO

CARLOS PITTELLA, JERÓNIMO PIZARRO

Fernando Pessoa foi, entre muitas outras coisas, um criador de paradoxos. «O mito é o nada que é tudo» — o famoso verso paradoxal que abre o poema «Ulisses» do livro *Mensagem* — é apenas um exemplo, sendo difícil encontrar uma página escrita por Pessoa sem alguma contradição.

Levando a um nível jamais visto a dialéctica de oposições, Pessoa reinventou a sua própria identidade como um grande paradoxo: ao criar heterónimos e outros autores fictícios, tornou-se uno e diverso, exemplo encarnado do mistério do universo.

Há um outro desdobramento do paradoxo pessoano: nós, os leitores, fizemos de Pessoa um poeta ao mesmo tempo muito conhecido e muito desconhecido. Se, por um lado, Pessoa é o mais famoso escritor português, por outro lado, centenas de documentos do seu espólio continuam inéditos. Basta lembrar que o poeta também escreveu largamente em francês e em inglês, e que a sua obra inglesa permanece praticamente desconhecida.

Há autores cuja presença, cada dia mais esmagadora, produz uma miragem: a de supor que um escritor já é conhecido apenas porque tem presença global.

Fernando Pessoa não só *não* é ainda bem conhecido, como também está eclipsado pelos planetas maiores do sistema solar que é a sua obra, como o *Livro do Desassossego*, as obras de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos e algumas antologias de textos ortónimos...

Além disso, das suas arcas não deixam de surgir escritos que nos fazem rever o que sabíamos, ou o que julgávamos saber.

Fernando Pessoa é múltiplo não só por causa de seus heterónimos, mas também pelos seus milhares de papéis. O poeta deixou-nos mais de trinta mil documentos, transbordando de uma arca que já se tornou mito. Embora a maioria destes documentos esteja na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), há também papéis na Casa Fernando Pessoa, no arquivo de Hubert Jennings na Brown University, na colecção particular da família do poeta e noutras bibliotecas e colecções espalhadas pelo mundo. Assim, pesquisar Fernando Pessoa é sempre um trabalho de detective: pistas falsas, becos sem saída e, por vezes, a descoberta de um pedaço de papel capaz de mudar completamente a nossa visão de quem foi este poeta. Fernando Pessoa é muitas vezes concebido como um ser fantasmagórico, que se isolava de todos para criar um universo interior em detrimento da vida exterior. Este livro busca desmentir tal mito, oferecendo 49 lições de vida e poesia (e mais de duzentas imagens, muitas delas inéditas) de um ser humano cheio de sonhos e projectos, que colocou a poesia no centro da sua existência e que, ainda hoje, não pára de gerar surpresa e admiração.

É comum — e justa — a pergunta «para que serve a poesia?» por quem, sob as pressões da modernidade, talvez nunca tenha sido sacudido por um poema. O poeta inglês T. S. Eliot chegou a teorizar sobre a função social da poesia, esforçando-se por convencer o mundo do valor do poeta.

A quem quer que encontre este livro e deseje conhecer ou reconhecer Fernando Pessoa, avisamos: ele ainda pode mudar a sua vida! E talvez esta seja a função primordial da sua obra, o seu grande valor.

As «primeiras lições» deste livro são apenas isso: uma introdução a um universo em expansão, que tem o poder de renovar a nossa percepção de cada vez que o revisitamos. Esperamos que o leitor também vivencie este universo, com o pasmo essencial que propunha Alberto Caeiro, o mestre de Fernando Pessoa — que aliás mudou a sua vida (e a ambiguidade do «sua» é intencional).

ORTOGRAFIA E CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Esta edição segue a ortografia anterior ao mais recente acordo ortográfico (ver lição «Como desrespeitar o acordo ortográfico»). Em todas as transcrições de documentos, foram mantidas a ortografia e a padronização editorial dos respectivos manuscritos ou publicações, o que explica que, em textos de um mesmo autor — nomeadamente Fernando Pessoa — se observe, por exemplo, variação no uso das maiúsculas, da vírgula antes de «etc.», ou grafias alternativas de uma mesma palavra. Quando estritamente necessário, corrigiu-se a pontuação, sobretudo de recortes de jornal. Na dúvida, sempre foi dada preferência aos usos adoptados por Pessoa. Consolidámos a ortografia de alguns termos específicos (como «Álvaro» ou «Orpheu»), para evitar confusões. As referências e os códigos de localização dos documentos, muitos deles inéditos até esta edição, encontram-se nas notas crítico-genéticas do final do livro. Salvo indicação contrária, as traduções para o português são dos dois autores deste livro.

- ◇ espaço deixado em branco pelo autor
- * leitura conjectural
- † palavra ilegível
- // hesitação do autor
- <> passagem riscada pelo autor
- <>/\ substituição por superposição

- < > [↑] substituição por riscado e acréscimo
[↑] acréscimo na entrelinha superior
[↓] acréscimo na entrelinha inferior
[→] acréscimo à direita
[←] acréscimo à esquerda
[] ⇌ [] inversão de trechos de uma linha
[palavra] intervenção editorial

Palavras sublinhadas são transcritas em itálico.

Há dois tipos de notas: as de rodapé, indicadas por letras do alfabeto; e as genéticas, isto é, resultantes do cotejo entre manuscritos, dactiloscritos e edições impressas, indicadas por algarismos e apresentadas no final do livro.

C. P. & J. P.

COMO
Fernando Pessoa
PODE MUDAR A SUA VIDA
PRIMEIRAS LIÇÕES

Fernando Pessoa foi um apaixonado por antologias. Uma breve pesquisa pela biblioteca particular do poeta oferece provas dessa paixão, que abrangia diversas tradições literárias, por exemplo: inglês (*The Hundred Best Poems in the English Language*, 1903-4); francês (*Chansons gaillardes*, 1910) e grego (*The Greek Anthology*, 1916-8). Há inclusive vestígio de uma antologia alemã, hoje perdida.^a E há antologias para além da poesia: de profecias (*Shadows Cast Before*, c. 1918) e de referências à reencarnação (*The Ring of Return*, 1927).

A paixão antológica do poeta não foi só passiva, mas também ativa. Pessoa vislumbrou compilações de poemas ingleses [figs. 1 e 2], uma antologia de «Melhores poesias líricas da língua portuguesa» [fig. 3] e até mesmo colectâneas para além da poesia (ver lição «Como coleccionar provérbios»). Com o poeta António Botto, Pessoa chegou a compilar uma *Anthologia de Poemas Portuguezes Modernos*, em 1929.

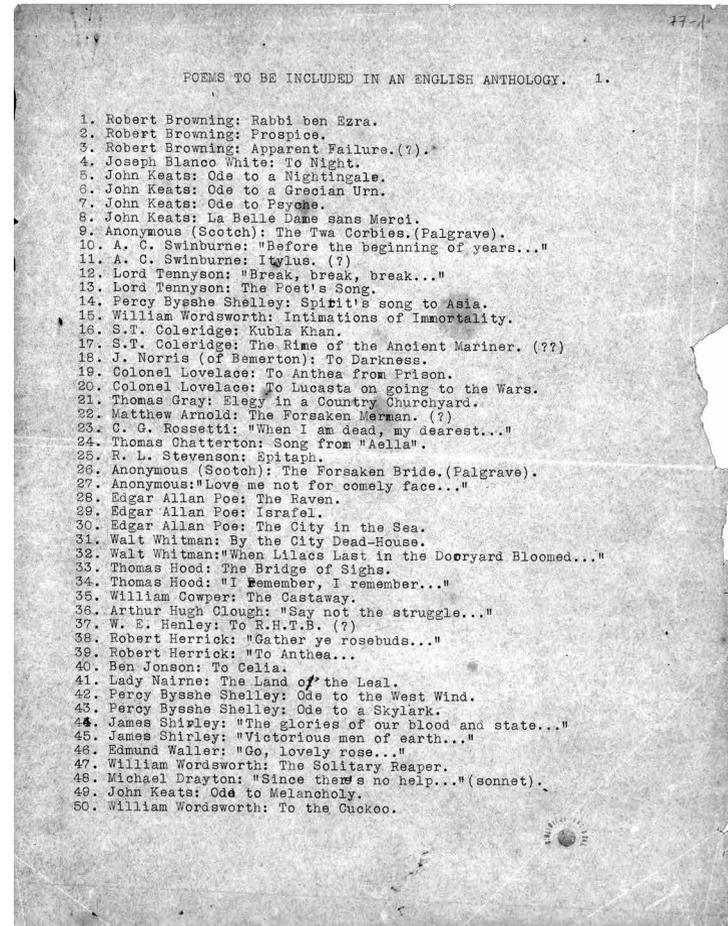
No espólio pessoano, conservado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), não só há uma abundância de documentos sobre os diversos tipos de antologias sonhadas pelo poeta, mas também instruções sobre como preparar uma antologia! [figs. 4 e 5]

Pessoa explica que qualquer pessoa pode antologizar poemas, mas que a sua intenção, ao propor um método, está em considerar

a PIZARRO *et al.*, 2010: 14-15.

categorias diferentes das clássicas (dramática, épica, lírica etc.). O poeta ensina que, além de divisões tradicionais, segundo forma e essência, a poesia poderia ser classificada segundo os seus objectos de inspiração (natureza, amor etc.).

Infelizmente, o texto permaneceu incompleto, sem o resto da lição. Entretanto, Pessoa ensinou como antologizar sobretudo pelo exemplo de quem coleccionou muito: poemas, papéis, livros e até mesmo poetas inventados.



1. Selecção de poemas ingleses para uma antologia

POEMS TO BE INCLUDED IN AN ENGLISH ANTHOLOGY. 2.

51. William Wordsworth: Buonaparte (sonnet).
 52. William Wordsworth: On the Extinction of the Venetian Republic (sonnet)
 53. William Wordsworth: France and England: September, 1802. (sonnet)
 54. William Wordsworth: Great Man. (sonnet). (sonnet).
 55. William Wordsworth: Toussaint L'Ouverture. (sonnet).
 56. William Wordsworth: A Beautiful Picture. (sonnet).
 57. William Wordsworth: The Ship (sonnet).
 58. William Wordsworth: Woodland Walks. (sonnet).
 59. William Wordsworth: Personal Talk (four sonnets).
 60. William Wordsworth: On Westminster Bridge (sonnet).
 61. William Wordsworth: Milton (sonnet).
 62. William Wordsworth: The World (sonnet).
 63. Thomas Moore: "Believe me if all...."
 64. Thomas Hood: Fair Ines ~~xxx~~
 65. Lord Byron: The Isles of Greece.
 66. Lord Byron: Darkness (?).
 67. Lord Byron: "When we two parted..." (?)
 68. F. B. Shelley: The Sensitive Plant.
 69. P. B. Shelley: "I arise from dreams of thee..."
 70. Thomas Campbell: Ye Mariners of England.
 71. Thomas Campbell: The Battle of the Baltic.
 72. Thomas Campbell: Hohenlinden (?).
 73. John Keats: "In a drear-nighted December..."
 74. Charles Kingsley: The Sands of Dee (?)
 75. Charles Kingsley: Three Fishers (?)
 76. Charles Mackay: The Lost Day (?)
 77. J. G. Whittier: Maud Muller.
 78. Joseph Rodman Drake: The American Flag. (?)
 79. Matthew Arnold: The Scholar Gipsy. (?)
 80. Matthew Arnold: The Buried Life (?)
 81. P. B. Shelley: To Night.
 82. Robert Southey: Love (?)(?)
 83. Robert Southey: The Battle of Blenheim (?)
 84. Hartley Coleridge: The Birth of Speech. (?)
 85. Aubrey de Vere (the Younger): The Sun-God (sonnet) (?)
 86. D. G. Rossetti: A Venetian Pastoral (sonnet)
 87. A. C. Swinburne: Persecution of the Jews (sonnet)
 88. John Milton: At the Age of Twenty-three (sonnet) (?)
 89. John Milton: To the Lord General Cromwell. (sonnet) (?)
 90. John Milton: On the Massacre in Piemont (sonnet)
 91. John Milton: On His Blindness (sonnet)
 92. John Milton: To Cyriac Skinner (sonnet)
 93. John Milton: L'Allegro.
 94. John Milton: Il Penseroso.
 95. John Milton: Ode on the Morning of Christ's Nativity. (?)
 96. John Milton: Lycidas.
 97. H. Vaughan: Friends in Paradise.
 98. H. Vaughan: The Retreat.
 99. H. Vaughan:
 100. William Habington: Nox Nocti Indicat Scientiam.

2. Seleção de poemas ingleses para uma antologia (cont.)

AS MELHORES POESIAS LYRICAS DA
 LINGUA PORTUGUEZA.

(exceptuam-se os autores vivos)

- Scoares de Passos: O Firmamento.
 João de Deus: A Vida.
 Antonio Molarinho: Maria Manoela.
 José Duro: Mortos.
 Bacchantes.
 Em busca.
 Prece.---
 Dor Suprema.---
 José Anastacio da Cunha: O Abraço.
 João de Lemos: A Lua de Londres.

Æ

mulher d'opini.

3. Escolhas de Pessoa para uma antologia de poesia lírica portuguesa

2/10 142-9

Ideas for an Anthology.
Manner of making an Anthology.

Anthologies, "treasuries" of verse, poem-collections are common. Anyone can make them who has read anything, be it but the poems he includes in his selection. Anyone, with the examples existent, can make a "verse-treasury" of any kind. As a matter of fact everyone can see that an English anthology must contain, for instance, Shelley's «Ode to the West Wind», Gray's «Elegy», Lovelace's «To Anthea», Ben Jonson's⁴ lyric «To Celia».⁵ No one contests that. I am not immediately concerned with the poems chosen. My first intention is another.⁶

The word anthology, coming from λογία means ◊

Now according to what rules must poems⁸ be chosen for an anthology, under what heads must they be classed? To answer this question we must analyse a little.

It is from the first obvious that such a division as we were⁹ now to make is diff[eren]t from the usual, ◊ ∴ [because] it is for another purpose. Our¹⁰ intention is not to make a classification of poetry according to its form¹¹ and essence (such as into Dramatic, Epic, Elegiac and Lyric) nor to its cause ◊

We must divide it with regard to its inspiration, i.e., to the object that inspired it (as for instance, nature, love, and the sort).¹²

What things can inspire? 1st the sentiments springing from contact ◊

1 am not immediately concerned with the poem chosen by first author

The word anthology, coming from
 * λογία - λογία means

4. Notas de Pessoa sobre antologias

Ideas for an Anthology.

Manner of making an Anthology.

Anthologies, «treasuries» of verse, poem-collections are common. Anyone can make them who has read¹ anything, be it but² the poems he includes in his selection. Anyone, with the examples existent, can make a «verse-treasury»³ of any kind. As a matter of fact everyone can see that an English anthology must contain, for instance, Shelley's «Ode to the West Wind», Gray's «Elegy», Lovelace's «To Anthea», Ben Jonson's⁴ lyric «To Celia».⁵ No one contests that. I am not immediately concerned with the poems chosen. My first intention is another.⁶

The word anthology, coming from λογία means ◊

Now according to what rules must poems⁸ be chosen for an anthology, under what heads must they be classed? To answer this question we must analyse a little.

It is from the first obvious that such a division as we were⁹ now to make is diff[eren]t from the usual, ◊ ∴ [because] it is for another purpose. Our¹⁰ intention is not to make a classification of poetry according to its form¹¹ and essence (such as into Dramatic, Epic, Elegiac and Lyric) nor to its cause ◊

We must divide it with regard to its inspiration, i.e., to the object that inspired it (as for instance, nature, love, and the sort).¹²

What things can inspire? 1st the sentiments springing from contact ◊

Now according to what rules must ~~poems~~ ^{poems}
 be chosen for an anthology under what
 heads must they be classed? To answer
 this question we must analyze a little.
 It is from the first division that such a
 division as we are now to make is ~~not~~ ^{not} ~~diff~~
 from the usual, ~~it is for another pur~~
~~pose.~~ ~~The~~ Our intention is not to make a
 classification of poetry according to its ~~subject~~
 form & essence (such as in Drama, Epic, Lyric
 & Lira) not to its cause.
 We must divide it with regard to its
 inspiration, i.e. to the object that in-
 spired it (as for instance, nature,
 love, ~~et cetera~~)
 What things can inspire? At the
 sentiments ~~of~~ ^{of} ~~the~~ ^{the} contact

5. Notas de Pessoa sobre antologias (cont.)

[TRADUÇÃO]

Ideias para uma Antologia.

Modo de fazer uma Antologia.

Antologias, «tesouros» de versos, colectâneas de poemas são comuns. Qualquer pessoa pode fazê-los se tiver lido qualquer coisa, mesmo que só os poemas a incluir na sua selecção. Qualquer pessoa, com os exemplos existentes, pode fazer um «tesouro-de-versos» de qualquer tipo. Aliás, todos podem ver que uma antologia inglesa deve conter, por exemplo, «Ode to the West Wind» [«Ode ao vento oeste»] de Shelley, «Elegy» [«Elegia»] de Gray, «To Anthea» [«Para Anthea»] de Lovelace, a lírica «To Celia» [«Para Celia»] de Ben Jonson. Ninguém o contestará. Eu não estou imediatamente preocupado com os poemas escolhidos. A minha principal intenção é outra.

A palavra antologia, derivada de λογία, significa ◊

Agora, de acordo com que regras os poemas devem ser escolhidos para uma antologia, sob que cabeçalhos devem ser eles classificados? Para responder a essa pergunta, devemos ponderar um pouco.

É imediatamente evidente que uma divisão como a que pretendemos fazer é diferente da usual, ◊ porque se destina a um outro propósito. A nossa intenção não é fazer uma classificação da poesia segundo a sua forma e essência (como Dramática, Épica, Elegíaca e Lírica) nem segundo o seu motivo ◊

Devemos dividi-la quanto à sua inspiração, i.e., quanto ao objecto que a inspirou (por exemplo, natureza, amor, e assim por diante).

Que coisas podem inspirar? Primeiramente, os sentimentos que emergem do contacto ◊

Vv. AA. (1916-1918). *The Greek Anthology*. Trad. William Roger Paton. Ed. bilingue, 5 vols. Londres & Nova Iorque: William Heinemann & G. P. Putman's Sons. [CFP, 8-235]

WOLCOTT, Marion Post (1939). «General scene, main street. Greensboro, Georgia» [fotografia LC-USF34-051879]. *Shooting Assignment*

1550, *FSA Photographs*. USA: Farm Security Administration.

ZENITH, Richard (2011). *Fotobiografia de Fernando Pessoa*. Org. Joaquim Vieira. São Paulo: Companhia das Letras.

— (2010). «As charadas desconhecidas de Gaudêncio Nabos». *Revista LER* n.º 92, Jun., pp. 46-49.

NOTAS BIOGRÁFICAS

CARLOS PITTELLA

Poeta, educador, viajante e investigador, Carlos Pittella fez o seu mestrado e doutorado sobre Fernando Pessoa na PUC-Rio. Pittella publicou *civilizações volume dois* em Coimbra (2005) e foi professor titular do Global Citizenship Experience em Chicago, onde trabalhou de 2010 a 2014. Em 2015, filiou-se no Centro de Estudos de Teatro (FLUL) para a edição digital do *Fausto* pessoano e editou o n.º 8 de *Pessoa Plural*, também lançado como o livro *People of the Archive*. Em 2016, organizou um colóquio sobre o arquivo de Hubert Jennings na Brown University, onde actualmente faz o seu pós-doutoramento.

JERÓNIMO PIZARRO

Professor, tradutor, crítico e editor, Jerónimo Pizarro é responsável por mais de trinta edições de e sobre Fernando Pessoa. Professor da Universidade dos Andes, titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões e Prémio Eduardo Lourenço (2013), Pizarro voltou a abrir as arcas pessoanas e redescobriu «A biblioteca particular de Fernando Pessoa», para citar um título da sua bibliografia. Assíduo organizador de eventos, foi comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do livro de Bogotá. É co-editor da revista *Pessoa Plural* e director da Colecção Pessoa na Tinta-da-china.



COMO FERNANDO PESSOA
PODE MUDAR A SUA VIDA:
PRIMEIRAS LIÇÕES

*foi composto em caracteres Filosofia OT
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel CoralBook de 90 g/m², em Janeiro de 2017.*